

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador
Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente
José Castilho Marques Neto

Editor-Executivo
Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro
William de Souza Agostinho

Assessora Editorial
Maria Candida Soares Del Masso

Conselho Editorial Acadêmico
Áureo Busetto

Carlos Magno Castelo Branco Fortaleza
Elisabete Maniglia

Henrique Nunes de Oliveira

João Francisco Galera Monico

José Leonardo do Nascimento

Lourenço Chacon Jurado Filho

Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan

Paula da Cruz Landim

Rogério Rosenfeld

Editores-Assistentes

Anderson Nobara

Jorge Pereira Filho

Leandro Rodrigues

CARLOS EDUARDO JORDÃO MACHADO
RUBENS MACHADO JR.
MIGUEL VEDDA
(Orgs.)

WALTER BENJAMIN

Experiência histórica e imagens dialéticas

TRADUTORES

DO ALEMÃO: MARLENE HOLZHAUSEN E CARLOS EDUARDO J. MACHADO

DO ESPANHOL: ARTUR S. BEZ, FÁBIO R. UCHÔA E RAFAEL M. ZANATTO



editora
unesp

© 2015 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W192

Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas / organização Carlos Eduardo Jordão Machado, Rubens Machado Jr., Miguel Vedda. 1.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ISBN 978-85-393-0567-4

1. Benjamin, Walter, 1892-1940 – História e crítica. 2. Artes – Século XX.
3. Estética. Arte – História. 4. Filosofia. I. Machado, Carlos Eduardo Jordão. II. Machado Jr., Rubens. III. Vedda, Miguel.

15-21065

CDD: 709.81
CDU: 7.038.6(81)

Esta publicação contou com apoio da
Fundação de Amparo à Pesquisa do
Estado de São Paulo (Fapesp).

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoriais Universitários

– SUMÁRIO –

APRESENTAÇÃO XI

I. DAS IMAGENS DA MEMÓRIA AO FETICHE E SUAS FANTASMAGORIAS

1. WALTER BENJAMIN – “ESQUECER O PASSADO?”3

Jeanne Marie Gagnebin

2. CONSTRUÍDO COM ASTÚCIA. UM MODELO PARA O MODO DE
ESCREVER DE WALTER BENJAMIN 13

Erdmut Wizisla

3. WALTER BENJAMIN E A FOTOGRAFIA..... 23

Bernd Stiegler

4. ARTE COMO MERCADORIA: CRÍTICA MATERIALISTA DESDE
BENJAMIN.....45

Francisco Alambert

5. FETICHE E ALEGORIA51

Jorge Grespan

6. AS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS E SUAS FANTASMAGORIAS.....59

Wellington Durães Dias

O CONTO DE FADAS COMO ESCLARECIMENTO, CULTURA E VIOLÊNCIA¹

Gábor Gárgó²

APRESENTAÇÃO DO TEMA

No meu artigo, serão incluídas as medidas político-culturais de Georg Lukács, no ano de 1919, nas pesquisas sobre o tema conto de fadas no âmbito do marxismo ocidental. Minha pesquisa tem como objetivo demonstrar que o conto de fadas, aos olhos de Lukács e de seu amigo e colaborador Béla Balázs, pertencia ao mundo das possibilidades radicalmente ampliadas: a um campo em que não só as fronteiras entre as classes, mas também as fronteiras entre os homens, animais e plantas, além daquelas entre os seres existentes e não existentes poderiam ser excluídas. Dessa maneira, ela pode contribuir para o melhor entendimento da dialética do conto de fadas naquela tradição intelectual do período entreguerras, ao qual pertenciam Walter Benjamin, Siegfried Kracauer, Ernst Bloch e Theodor W. Adorno. Os estudos de Kracauer, Bloch e Walter Benjamin sobre o conto de fadas podem, em vários aspectos, dialogar com a experiência política do conto de fadas de Georg Lukács e seu círculo, no ano de 1919, durante a República

¹ Tradução de Marlene Holzhausen.

² Universidade de Budapeste, Hungria.

Soviética na Hungria. Lukács e seus colegas realizaram uma experiência única ao mobilizarem o conto de fadas na prática revolucionária.

Os intelectuais alemães de esquerda do período entreguerras deram a um gênero literário marginal (ao conto de fadas) um papel especial no interior de uma ideologia marginal (o Marxismo). O seu objetivo e abordagem era desdobrar a utopia das concepções pré-científicas da sociedade com base nos contos de fadas. De acordo com a descrição de Carl-Heinz Mallet, o conto de fadas era um gênero proletário pequeno burguês, e não apenas em razão de seus narradores [*Überlieferer*], mas também pela sua oralidade (Mallet, 1990, p.11). Lukács e seus seguidores aliaram-se àqueles que não viam insensatez no conto de fadas.

O CONTO DE FADAS E A ESQUERDA DE WEIMAR

A distinção entre lenda (mito) e conto de fadas constituiu o principal problema para os intelectuais marxistas da Alemanha de Weimar – uma noção que foi originalmente formulada pelos Irmãos Grimm. Enquanto seus adversários conservadores queriam muito mais extinguir essa diferença, eles enriqueceram a distinção entre lenda e conto de fadas dos irmãos Grimm com um conteúdo ideológico. Eles não se prenderam tanto a uma abordagem inerente aos contos de fadas no que diz respeito à sua estrutura, universo de motivos, configuração histórica, filologia etc., mas na adaptação dos contos de fadas a um esquema de interpretação ideológica. O materialismo histórico fundamentou-se nas tendências irracionais do início do século XX para trazer à luz a utopia latente dos contos de fadas.³ Nesse sentido, suas investigações culminaram na obra *Die Dialektik der Aufklärung* [A dialética do esclarecimento] de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. De um ponto de vista polêmico, essa interpretação voltava-se contra aquela de Wagner e Klage, que interpretaram os contos de fadas de modo reacionário, colocando-os a serviço da defesa do existente.⁴

Esta era uma questão de escolha: ambas as tendências eram iminentes ao conto de fadas. Segundo as palavras de Tobias Korta:

3 Cf. Vedda (2011, p.146).

4 “Com seus instintos fascistas, Wagner certamente via também no conto de fadas apenas, ‘mito diminuído’ (e o filho Siegfried seguiu na mesma direção. Humperdinck compôs Hilde e Gretel com os meios da orquestra de Nibelungos); Klages, por sua vez, o reacionário misterioso, vê no conto de fadas apenas o ‘rebento infantil da vida contemplada’” (Bloch, 1985a, p.184).

Muitos contos de fadas da modernidade – tal como os conhecemos da coleção de contos de fadas dos Grimm – são uma expressão tanto do ethos iluminista do século XVIII, como também do espírito do anti-iluminismo do romanticamente saudoso século XIX, atemorizado pelas consequências negativas da modernização. (Korta, 1997, p.61)

A abordagem “mito versus conto de fadas” teve um aspecto polêmico também contra o historicismo. Na medida em que se concebeu o historicismo como um processo único, homogêneo e consciente de seus propósitos em oposição à natureza, que se repetia infinitamente, a teoria do conto de fadas da esquerda pôde apontar que nem tudo que supera a compulsão repetitiva da natureza poderia necessariamente ser elucidado. Neste sentido, qualquer instituição da sociedade civil pode ser reacionária. Como Rolf-Peter Janz recordou a esse respeito, Walter Benjamin discutiu:

[...] (tanto) gêneros literários como contos de fadas e tragédia quanto instituições como o direito [...] prioritariamente do ponto de vista de sua capacidade de reduzirem o terror do mundo miticamente dominado. (Janz, 1983, p.369)

Deve-se sobretudo a Walter Benjamin a ideia de que os contos de fadas não podem ser colocados apenas a serviço das aspirações anti-iluministas, mas também possuem um potencial emancipatório. Segundo ele, o conto de fadas foi o meio pelo qual a humanidade foi capaz de sacudir “a angústia que o mito colocara sobre seu peito” (Benjamin, 1980, p.457 et seq.) e foi “o jogo com o possível” (Renger, 2006) do conto de fadas que pretendia compreender e proteger diante da “pedagogia colonial” da modernidade, que os contos maravilhosos dos Grimm também pareciam querer adaptar às suas necessidades.

Siegfried Kracauer acreditava no poder emancipatório de uma razão, que se manifestava nos contos de fadas (cf. Vedda, 2011, p.108). Como Tobias Korta (1997, p.58) já sugerira:

[...] os contos de fadas genuínos de Kracauer [preenchem] uma função central, muito específica no contexto ainda existencialista de sua visão dualista do mundo: contos de fadas genuínos são “códigos de uma utopia”, “pré-sonho” [...] de um outro mundo, realmente diferente, enquanto o mito é processado no conflito entre “pré-história e história, entre barbárie e cultura”.

Milagre é quando a utopia também é capaz de dominar a natureza. Como Novalis (fragmento n.2320 apud Lescreveu: “[Quando] o homem

supera a si mesmo, ao mesmo tempo supera também a natureza e acontece um milagre". Os políticos de contos de fadas húngaros podiam concordar com Kracauer que o milagre pode estar a serviço do estabelecimento de uma verdade superior.⁵ O milagre, na sua opinião, não é a causa da verdade, mas um indicador da verdade.

Como já havia sido descrito por Miguel Vedda (2011, p.104 et seq.), Ernst Bloch colocou o conto de fadas como tendência da liberdade, como um esclarecimento concreto em face do mito. Se o conceito oposto de realidade é fantasia, então a aspiração de Bloch consiste em implementar plenamente as duas esferas por meio da enfatização dos elementos fabulosos da realidade. O potencial revolucionário do conto de fadas também foi destacado por Ernst Bloch; seria "revolta do pequeno homem contra os poderes míticos". Enquanto Bloch, no entanto, atribuiu igualmente à colportagem (que ele levou em consideração com base nos romances de índios do escritor proletário Karl May) uma força revolucionária, Lukács jamais descobriu as afinidades entre os contos de fadas e a literatura de entretenimento. Em vez disso, ele considerou que o conto de fadas para adultos conserva exatamente o existente e que, por conseguinte, dificilmente poderá ser útil no trabalho de mudança do mundo. O gosto literário de Lukács, no conjunto, permaneceu burguês – no chamado grande realismo queria distinguir tendências favoráveis ao comunismo. Bloch estava ciente do fato de que sua posição em relação à colportagem era fundamentalmente diversa daquela de Lukács. Por isso, ele escreveu:

A revolução proletária é em geral hostil à literatura "fantástica"; contudo tensões e pluralidade têm nos contos de fadas e nas colportagens seu refúgio útil, eles podem a partir daqui se tornar tropas. (Bloch, 1985a, p.186)

Aos olhos de Lukács, adveio um problema teórico do fato de que a ditadura do proletariado era capaz de fundar o comunismo sem passar pelo esclarecimento e pela revolta. É por essa razão que o sistema cultural permaneceu inabalavelmente um sistema burguês. Quando no âmbito da sociedade civil, a colportagem despertou tendências emotivas para os leitores burgueses, no contexto do comunismo recém-introduzido para o proletariado (social-democrata); ela sugeriu, como de costume, uma validade da cultura burguesa.

5 Os contos de fadas não são histórias milagrosas, mas seu sentido é a revogação das forças mitológicas em nome da realidade da verdade. O seu triunfo é unicamente o maravilhoso (Kracauer, 1990, p.392).

A POLÍTICA DO CONTO DE FADAS DA REPÚBLICA SOVIÉTICA DA HUNGRIA

Se para Bloch e os outros o conto de fadas podia oferecer um equilíbrio contra as forças míticas presentes e contra uma interpretação reacionária do conto de fadas, os políticos culturais da República Soviética da Hungria deveriam determinar a tarefa do mesmo sem essas forças antagonicas. E isso só poderia ocorrer se orientado para o futuro – quer dizer, com ênfase nos elementos utópicos. Para Lukács o mundo do conto de fadas não podia mais atuar como "a priori da revolução" (Bloch, 1985a, p.183 et seq.).

Georg Lukács e Béla Balázs precisavam acreditar que a leitura infantil dos contos de fadas era necessariamente um modo de leitura revolucionário – isto era um dogma antropológico sobre o qual repousava toda a política cultural. Se nem mesmo nas crianças se poderia indicar um fim em si, em relação ao qual toda violência e terror pode ser instrumentalizado e relativizado, então, de modo geral, todo o empreendimento seria inútil. É por isso que foi tão importante criar um departamento de conto de fadas no Ministério da Educação e Cultura.

Em sua política de contos de fadas, Lukács também retomou, em 1919, parte de suas próprias afirmações sobre o conto de fadas, como em seu ensaio sobre o tema do drama não trágico. Se nesse artigo Lukács considerou o conto de fadas como não metafísico, então sua reviravolta comunista trouxe consigo um salto na metafísica também no âmbito da sua interpretação do conto de fadas. Na *Theorie des Romans* [Teoria do romance], no entanto, ele examinou o potencial do conto de fadas em relação à tentativa de lançar uma ponte entre realidade e transcendência.

A consideração dos contos de fadas como leitura e vivência para crianças abre um horizonte de problema completamente diferente. Para Bloch, Kraauer e Adorno era possível, além disso, examinar os contos de fadas sem qualquer referência ao seu público-alvo, às crianças. O interesse de Benjamin nas crianças, relacionado com o nascimento de seu filho (cf. Vedda, 2011, p.107 et seq.) trata-se muito mais de uma exceção. Em Benjamin, as crianças têm o seu mundo próprio e os contos de fadas, por conseguinte, tornam-se conteúdo de uma visão de mundo a elas adequada.

Para Lukács, Béla Balázs e Anna Lesznai (para Lukács uma das escritoras mais inspiradoras do seu círculo de amigos, o chamado Círculo Dominical), o interesse por sua vez permaneceu estéril, meramente utópico-ideológico. Para eles, a criança não significava senão sua potencialidade: para os comunistas, o valor da criança consistia no fato de que elas estavam livres do conteúdo do mundo burguês. A ideia principal de que o conto de fadas iria

inevitavelmente suscitar a autoconfiança proletária nas crianças, não era senão mera especulação, já refutada pelos adversários de Balázs com contraxemplos empíricos. Que durante a República Soviética o conto de fadas era no máximo e, sobretudo, doutrinação, mostra o fato de que as aulas de conto de fadas eram preferidas naquelas aulas da Cátedra, que era a única forma de aula do proletariado da Escola Livre de Ciências Humanas através das palestras no Círculo Galileo até a Universidade dos Trabalhadores de Marx-Engels.

A teoria para crianças, mediada pelos contos de fadas, não foi acompanhada, em 1919, pela prática da não alienação, ou seja, pelo lúdico. Pelo contrário, a República Soviética manteve o trabalho infantil. Através da “transformação funcional”, ele não foi interpretado como “exploração”, mas como preparação para o trabalho comunista. Enquanto para Benjamin (e Adorno), o conto de fadas será contraposto ao mito como vitória da cultura sobre a natureza (cf. Vedda, 2011, p.116) para Lukács e seus colaboradores o conto de fadas não era nada mais que grande realismo para crianças; totalidade, que deveria representar o sentido imanente da história para o marxismo através de uma concepção da sociedade já estruturada. Eles consideravam as crianças libertas de suas determinações de classe, como “os humanos por excelência” (Kracauer apud Korta, 1997, p.76), para utilizar as palavras de Kracauer.

Uma releitura da problemática dos contos de fadas durante a ditadura do proletariado de 1919 é possível devido à inclusão do romance autobiográfico de Anna Lesznais *Am Anfang war es der Garten* [No início era o jardim], a partir do qual torna-se evidente que a política de conto de fadas se mostrou como uma culminação prática das discussões teóricas no Círculo Dominical:

Pois há anos planejaram a transformação dos contos de fadas, a manifestação dos milagres em nossa vida atual: a criança deve se deparar com ele também na oficina urbana e na rua! [...] Ao lado da página do conto de fadas se deveria também organizar os eventos das aulas de contos de fadas. Estes serão contados na praça Elisabeth e nas avenidas ao redor da cidade; nas escolas, nos hospitais, em teatros iluminados. E mesmo que sejam de pouca qualidade, é o que se pode fazer atualmente, ainda assim é maravilhoso que tenhamos chegado a um reconhecimento tal do conto de fadas, que seus direitos tenham sido reconhecidos oficialmente no horrível prédio do Ministério do Ensino Público. (Lesznais, 1966, p.510)

Anna Lesznai subordinou ao milagre, quer dizer, a um conceito mais generalizado de mudança, o potencial do conto de fadas de mudar a socie-

dade. Com isso, ela enfatizou o aspecto religioso da ideologia da República Soviética. O departamento de conto de fadas, que ela dirigia, era o departamento de milagres, responsável por atos que deveriam anular as leis da natureza e promover o projeto de cura comunista. Assim como o ensaio de Lukács sobre o “bolchevismo como problema moral” preparava seu autor para a conversão ao bolchevismo, os contos de fadas preparariam seu público infantil para sua redenção comunista.

Os aspectos religiosos do conto de fadas aparecem de forma explícita no diário de Anna Lesznais. Em uma anotação de 1912, ela escreveu:

O conto de fadas é religioso porque ele é o mundo do correto irrestrito, isto é, do correto puro [reinen Richtigten]. No conto de fadas o único fator determinante é: reconhecer o que é correto. As características individuais do herói e as situações são secundárias. Até mesmo o herói é secundário, porque ele nos comunica aquilo que é a essência do conto de fadas: o correto. Se encontra isto, ele vence; se não o encontra, ele morre. Conto de fadas não é arte de inventar [des Erfindens], mas descoberta [Findens] [em alemão no original]. A vontade, a determinação (a retidão de Deus) de encontrar em Tudo. Como todas as coisas (animais, árvores etc) são portadoras da retidão de Deus, ele retorna o valor original das coisas. (Lesznais apud Karádi; Vezér, 1980, p.102 et seq.)

A essência da política do conto de fadas foi descrita por Béla Balázs em seu artigo “Não tire o conto de fadas das crianças”, publicado na revista *Fáklya* [Tocha], em 11 de maio de 1919. Nesse documento, Balázs defendia uma cultura de primeira classe para as crianças. Ele considerava as crianças como os novos seres humanos em potencial, para as quais não somente as leis, mas também os sentimentos e instintos seriam comunistas. Os adultos são os Moisés comunistas que conduzem as crianças para a fronteira da terra prometida. Em oposição aos social-democratas, que, em vez de contos, queriam dar às crianças “conhecimentos da sociedade”, que refletem o mundo e a ideologia capitalistas, disse ele:

Os contos de fadas populares são anteriores ao capitalismo, inclusive têm origem mais antiga que o feudalismo. Eles estão, desta maneira, além da antiga sociedade assim como o comunismo está para além dela. [...] Os contos de fadas originais são o único gênero literário em que as diferenças de classe são apenas motivos decorativos. No entanto, elas influenciam o destino dos personagens muito menos, que este ser conduzido por forças – fadas e duendes – para além da sociedade. (Balázs, 1978, p.205)

A argumentação de Balázs foi teoricamente fundamentada por Lukács, que em seu artigo de jornal "A base moral do comunismo", de 3 de abril de 1919, escreveu o que se segue: "Contra crianças não há luta de classes, pois em cada criança é necessário ver o membro iniciante de uma futura sociedade, que não conhecerá mais diferenças de classes". De acordo com Lukács, essa nova sociedade será caracterizada pelo amor mútuo e pela solidariedade (Lukács, 1978, p.120-1).

Poderia esse potencial utópico ser lido a partir do tesouro de contos de fadas húngaro? A resposta é: não. Por um lado, os estudos do folclore húngaro fazem uma distinção pouco nítida entre conto de fadas e lendas; modelos de emancipação e ascensão das camadas mais baixas da população foram contrabalanceados em coleções de contos de fadas húngaros com hierarquias fundadas em lendas heroicas. Por outro lado, esses modelos emancipatórios de contos de fadas populares atingiam especialmente as camadas agrárias: os dirigentes da República Soviética da Hungria conduziram, porém, uma política social e cultural notoriamente antiagrária. Para eles eram mais adequados aqueles contos de fadas da literatura internacional de contos maravilhosos, que representavam a sociedade burguesa no momento de seu nascimento. Por conseguinte, Lukács e seus assistentes interpretaram no Ministério da Educação e Cultura o conto de fadas como um gênero internacional.

CONCLUSÃO

A oposição conceitual entre conto de fadas e mito produziu certamente um efeito frutífero na explicação de certas correntes de pensamento na Alemanha desde a distinção fundamental dos irmãos Grimm entre lenda e conto de fadas até a Teoria Crítica. A concretização prática do potencial revolucionário do conto de fadas, no entanto, estava livre desta contradistinção.

Nossa análise mostrou certamente que se observa uma afinidade especial entre Lukács e Bloch; por meio de sua interpretação dos contos de fadas confirma-se também o julgamento de Max e Marianne Weber sobre o parentesco de seus pensamentos (apud Lukács, 1986, p.221, n.4). A prioridade do problema da entrada em vigor do conto de fadas no mundo foi o pressuposto de uma leitura revolucionária rigorosa, que caracterizava o pensamento dentre outros de Bloch e Lukács. Mas como poderiam a fantasia e a lógica do conto de fadas provocarem efeito no mundo? Pode haver duas respostas diferentes: Bloch (1985b, p.197) enfatizou a civilidade dos contos maravilhosos do mundo burguês:

O mundo do conto de fadas da América é certamente muito mais a *social life* sonhada com reis e santos da vida empresarial de elite; mesmo esta ligação, se também enganadora, provém ainda assim pela metade do conto de fadas. O sonho do pequeno empregado, mas também – com outros conteúdos – do homem de negócios médio, é o sonho da ascensão repentina, milagrosa da massa anônima para a felicidade visível. Sobre eles brilha fabulosamente o raio de ouro, ilumina o sol do escárnio de comando; o reino do conto de fadas chama-se *publicity* (mesmo que por apenas um dia), a princesa do conto de fadas é Greta Garbo.

Mas são duas coisas fundamentalmente diferentes inserir tarefas revolucionárias e esclarecedoras diante do conto de fadas, para mobilizá-lo no interesse político de uma revolução proletária já vitoriosa.

Embora a pesquisa elabore suas perguntas no contexto da Alemanha no período entreguerras, sobretudo em relação às declarações fragmentárias de Walter Benjamin, as discussões mais sistemáticas de Siegfried Kracauer e Ernst Bloch, no que diz respeito à prática de Lukács, são muito mais perspicazes. Sobre sua concepção do conto de fadas pode-se observar uma radicalização paulatina do conceito de conto de fadas em Benjamin, Kracauer e Bloch. Em Benjamin o conto era antimitológico, em Kracauer emancipatório e suporte da verdade [*wahrheitstragend*], em Bloch (1985c, p.344), por sua vez, revolucionário:

João e Maria [Hänsel e Gretel], A gata borralheira [Aschenbrödel], O alfaiatezinho valente [Das tapfere Schneiderlein] e ainda os fantoches no teatro de marionetes, que derivam diretamente dos contos de fadas, todos têm em sua casa de sonhos a inscrição: nenhum homem é servo; nenhum homem nascido numa classe social servil – a ele determinada em milhares de mitos dos senhores – se tornará um servo.

Independentemente e antes dos teóricos de conto de fadas da República de Weimar, os membros do Círculo Dominical descobriram na Hungria as principais características da interpretação marxista dos contos de fadas. Esses traços de personalidade são a verdade manifesta segundo a analogia da religião cristã, as possibilidades de interpretação igualitárias, emancipatórias e utópicas do conto de fadas e sua ligação com reflexões sobre a revolução marxista.

A maior diferença está no papel que o conceito de mito desempenha nas teorias individuais. Na *Teoria do romance*, Lukács (apud Marquard, 1979, p.56) organizou também histórias e romances aos "polimitos esclarecidos"

[*aufgeklärten Polimyythen*] do mundo moderno. Por outro lado, em Lukács o mito escondeu-se na ciência. Ele confrontou-a com a dialética, da vontade [*die Dialektik, des Werdens*] e a totalidade. Se, para Lukács, “a sociedade burguesa não é apenas a fase final de desenvolvimento do mito, mas também o terreno de sua superação” (Weiss, 1997, p.24), então é compreensível porque a política de contos de fadas não pôde se apoiar na estratégia de uma luta contra o mito numa sociedade pós-burguesa [*postbürgerlich*]. Lutar contra os mitos parecia ser completamente inútil no comunismo. De acordo com a convicção de Lukács, só existem mitos ali onde há uma sociedade burguesa.

EMANCIPAÇÃO HUMANA E “FELICIDADE NÃO DISCIPLINADA”. WALTER BENJAMIN E A POÉTICA DO CONTO DE FADAS¹

Miguel Vedda²

A abordagem do tema que propomos poderia começar com uma chamada de atenção sobre o significativo gosto de vários pensadores marxistas pelo conto de fadas. A série de pensadores poderia se remontar ao próprio Marx, quem, com notável divergência com os ulteriores impulsores do realismo socialista, não apenas era um entusiasta leitor de obras do gênero – principalmente, dos contos de fadas artísticos (*Kunstmärchen*) de narradores como Ernst Theodor Amadeus Hoffmann ou Adalbert von Chamisso –, mas também um autor diletante de *fairy tales*. Infelizmente, não há em Marx uma reflexão sobre esta forma, tal como a que encontramos, já no princípio do século XX, na obra de juventude de György Lukács. O interesse deste pelo gênero coincide com a crise da *visão trágica do mundo* que definia a primeira etapa de sua produção filosófica; uma etapa em que se produziram algumas de suas considerações fundamentais para uma teoria da tragédia, tais como as que se advertem no livro sobre a *Evolução histórica do drama moderno* ([1907-1909] publ. 1911) ou no ensaio “Metafísica da tragédia” (1911). Influenciado pela escritora Anna Lesznai, o filósofo húngaro começou a ver no conto de fadas a expressão de um empenho em ultrapassar o individualismo por meio

¹ Tradução de Rafael M. Zanatto.

² UBA – Universidade de Buenos Aires/Conicet.